

QUE TRADIÇÃO VALE A PENA MANTER COLETIVAMENTE?

Nos últimos vinte e cinco anos estamos vivendo algumas importantes revoluções no ensino de língua materna na escola. A Linguística, bem como a Análise do Discurso, gradualmente desestabilizou o lugar da gramática tradicional, constituindo um novo olhar sobre o ensino e aprendizagem da linguagem oral e escrita. Nas séries iniciais do ensino Fundamental as mudanças foram além, pois se questionou os princípios que sustentavam os diversos métodos já estabelecidos de alfabetização. Tal ruptura na alfabetização, lançada especialmente pelo construtivismo, levou a uma nova organização da aula e da relação com a língua escrita por parte de alunos, mediada por professores.



Mais recentemente, no que se refere ao construtivismo, estabeleceu-se o debate sobre sua eficácia frente ao método fônico, ou a métodos que exigem por parte do aluno a consciência fonológica, em que há clara evocação da relação fonema-grafema. Faço, então, uma reflexão sobre como temos vivido, em nosso colégio, essas grandes mudanças que repercutem sobre o ensino da língua materna.

Seguramente, esse processo não é uniforme nem está concluído, pois se dá através de pessoas que pensam e agem diversamente. São elas, ou não, que têm acesso às novidades acadêmicas; apresentam ou acatam idéias que se transformam em atividades, propostas ou normatizações; modificam suas práticas, lêem e/ou fazem circular textos sobre o assunto, discutem sobre suas divergências ou resultados alcançados. Em uma grande escola que se pretende uma síntese entre a modernidade e a tradição, como é o Colégio Pedro II, é necessário e estratégico considerar essa diversidade.

Atendemos a diversos níveis de ensino. Isso, em princípio, requisita um olhar e uma formação adequada (inicial ou continuada) de cada um para atender a seu alunado. É preciso ao professor das séries iniciais considerar as especificidades dos alunos que atende, que têm ingresso por sorteio. Isso envolve uma sensibilidade refinada a uma faixa etária e social de crianças ainda pouco voltadas aos conteúdos específicos. Há a considerar a variação lingüística como mais um dado a interferir nesse quadro complexo, levando alunos a praticar e refletir diferentemente sobre aspectos fonológicos, semânticos, sintáticos, textuais, discursivos.

Recebemos alunos com menos de seis anos na nossa SI (Série Inicial), com experiências diversas em relação à escola e ao universo da escrita. É notável o crescimento e sucesso da maioria dos alunos, o que não acontece com todos, ao mesmo tempo. Ao longo das séries em que o aluno permanece no "Pedrinho", os professores precisam continuar o empreendimento da sua inserção no mundo da escrita. Isso se dá especialmente através do trabalho com textos, a partir de práticas inspiradas nos conhecimentos apontados acima.

Já no segundo segmento do Ensino Fundamental, aberto a alunos de diversas origens, porém selecionados por concurso, o perfil de aluno que se configura é diferenciado. O professor também possui formação diversa e visa o ensino da disciplina específica. A organização institucional da aula, de seus tempos e exigências, opera uma ruptura com que todos os alunos saídos do "Pedrinho" precisam aprender a lidar. Isso não envolve apenas sua alfabetização. Envolve os modos como aprenderam a ler e escrever o conhecimento que lhes é apresentado. Que não são necessariamente melhores nem piores que os de outras escolas, apenas singulares, pois que são os selecionados pelo corpo docente e coordenação de nossa escola para nortear seu trabalho. Com esses modos, se pretende incluir no trabalho pedagógico e manter na escola todos os alunos que recebemos.



Em tese, sabemos que a inclusão é uma meta de todos nós, professores de todos os segmentos e níveis. Entretanto, é preciso mapear nossas práticas, o verdadeiro currículo em ação de nossa escola, para saber onde nos diferenciamos a tal ponto que deixamos de dialogar. Nossas formas diversas de ser escola, e de assimilar as grandes mudanças ocorridas no campo da lingüística e da linguagem em geral, estão postas como um desafio para todos nós. Um desafio de generosidade para a troca de saberes entre níveis de ensino. Caso não consigamos avançar nesse campo, nós e nossos alunos poderemos continuar a sofrer com os resultados de nossas escolhas.

Será essa a melhor tradição a manter coletivamente?

Helenice Aparecida Bastos Rocha,
Prof. da U.E. S. Cristóvão I

EXPANSÃO DO COLÉGIO PEDRO II: ENTREVISTA COM O DIRETOR GERAL

A atual política de expansão do Pedro II começa em 2004, concretizando-se com o convênio firmado com a Prefeitura do Rio de Janeiro para a instalação de uma Unidade de Ensino Médio em Realengo. Em 2006, novo convênio, desta vez com a Prefeitura de Niterói, instala mais uma Unidade de Ensino Médio. Mais recentemente, há cerca de um mês, tivemos a notícia da possibilidade de abertura de mais uma Unidade, na Cidade de Deus.

Além dessa expansão geográfica, realiza-se outra, relativa a modalidades de ensino. Agora, além de oferecer Ensino Médio "regular", o Pedro II também oferece a modalidade profissionalizante, viabilizada pelo chamado "Ensino Médio Integrado", iniciado em 2005, e pelo PROEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos), iniciado em setembro de 2006.

A comunidade escolar do Pedro II sabe muito pouco acerca dessa expansão. A decisão de instalar novas Unidades e instituir novos cursos não foi precedida da necessária discussão no fórum máximo deliberativo do Colégio, que é a Congregação, e nem, ao menos, no Conselho Pedagógico. Na tentativa de obter mais esclarecimentos sobre o tema e informar a comunidade escolar, a ADCPII solicitou e obteve uma entrevista com o Sr. Diretor-Geral, a partir de um roteiro enviado à Direção dias antes do encontro. No decorrer da entrevista, várias outras questões, além da expansão, foram abordadas. Leia a seguir os principais trechos:

> Novo concurso para professores

DG: Eu devo receber agora para o ano a autorização para concurso para duzentos. Eu estou regateando um pouquinho mais. Por quê? Porque eles vão fazer um rateio de vagas. O próprio governo, o MEC, ele fica refém do planejamento da área econômica. isso aqui eu já tenho fechado. Fechado pelo governo. Duzentas vagas para o Pedro II. (...)

Então, eu vou ter junto com a Secretaria de Ensino, Conselho Pedagógico, que são Chefes de Departamento, Diretores, estudar como vamos distribuir isso. Percebeu?

> Pedro II na Cidade de Deus

DG: Não está definido por um motivo. A Cidade de Deus precisa de uma escola média lá. (...)

O Arnaldo Niskier, que é o Secretário de Educação, disse que a comunidade da Cidade de Deus estava interessada em ter um Pedro II. Muito bem. Aí eu disse: nós só iremos para a Cidade de Deus com uma condição: (...) essa área tem uma creche aqui e tem uma área ali. Nós iremos, mas sem destruir a creche. Pôr a creche atrás - ao lado tem condições de adaptar pra creche - são meninos pobres, mulheres que moram ali e que precisam trabalhar. As crianças, dá gostosura a afetividade das crianças. As crianças chegam, te abraçam, seguram as tuas pernas, te beijam. Não tem diferença nenhuma o ser humano. E tem lá umas abnegadas que mantêm a creche. As mães, a comunidade. O que acontece? Eu não aceitaria desalojar crianças. (...) O ser humano é um animal semântico. Vocês às vezes ficam em dúvida. Eu criei o seguinte: intercomplementaridade entre os sistemas federal, estadual e municipal. Nenhum de nós pode sozinho fazer, nós temos que fazer intercomplementaridade do sistema. Eles já estão falando nessa linguagem:

intercomplementaridade do sistema. Então, em Jacarepaguá, o Lula se comprometeu lá de botar uma escola, Eles têm que respeitar nosso poder. Vamos pra lá sim. Em trinta dias eu implanto a escola lá, mas desde que ela esteja equipada, transformada a energia elétrica, solução pra creche que está ocupando a área. Eles prometeram tudo isso.

> Histórico do surgimento do Pedro II em Realengo / Convênios

DG: O César Maia quando reclamou que na zona oeste ele tinha dez mil vagas de Ensino Médio que não podia preencher. Por quê? O Ensino Fundamental até a 8ª série está atendendo, o sistema municipal. Agora ele não tem escola pública pra Ensino Médio. Ele tem uma porção de escolas particulares, em Realengo. Ao lado do terreno do Pedro II tem escolas médias, mas não tem para o povão.

ADCPII: Mas essas escolas não são responsabilidade do Estado? É do César Maia?

DG: O César Maia, o que ele quer? Porque veja bem ele é municipal ele tem até a 8ª série. O garoto está saindo da 8ª série fica no vazio das classes menos favorecidas e ele queria o convênio. Então, eu topei fazer o convênio com ele. Ele me cedia uma escola à noite e dinheiro para o custeio. Porque o Fernando Henrique Cardoso, nós ficamos nove anos sem verbas de custeio - congeladas. Teve época que não tinha nem verba de investimento. Não tinha. Castigou-se, não foi só o Pedro II, todo o sistema educacional, nove anos. O que aconteceu agora? Ele nos deu no ano passado um acréscimo, o governo Lula, de um milhão de reais na nossa verba de custeio. Aumentou. Um milhão. Aumentou para as Universidades, aumentou para as escolas os Cefets. Esse ano eu estou recebendo, se não houver contingenciamento, mais 800 mil por causa da performance do Pedro II. Eles aumentaram 18% orçamentariamente. (...)

Então, o que aconteceu, deixa eu contar. Em Realengo eu lancei um desafio pro César Maia. Ele construir uma escola. Ele topou o desafio que eu fiz de público. (...) Eu erradamente, equivocadamente, coloquei no convênio que esse dinheiro é para suprir os custos dos professores. Nós calculamos. Quando eu fiz por Niterói eu não fiz isso mais. Eu disse que era para custeio e aí eu poderia ter usado.

ADCPPII: Então, existem esses convênios por escrito?

DG: Eu dou [os convênios], de livre acesso, tranquilamente. (*) Não tem nada que não seja transparente. (...)

Estou renovando o convênio com o César Maia. Só que agora estou renovando em outros termos. Pra quê? Para que eu possa em vez de pegar esse dinheiro e jogar na caixa d'água geral, jogar em custeio, porque o pessoal é sempre garantido.

Aí veio Niterói. Em Niterói me deram uma escola, equiparam a escola todinha e fizeram o Pedro II. Nós colocamos professores lá. E o dinheiro que entra é da receita própria do Colégio.

➤ Infra-estrutura de funcionamento das novas Unidades

ADCPPII: Professor, quando as Unidades são abertas, tem a questão do professor. E na área técnica? Inspetores, toda essa parte de infra-estrutura?

DG: Nós temos que comer o mingau pela beirada quando tá quente. Certo? A nossa sorte é que o governo se reelegeu. Não se reelegeu o governo do Lula? Então, ele tem que entrar agora na área de recursos humanos, de psicólogo, técnico em educação, médico, inspetor de aluno. Então essa demanda nós estamos estudando como fazê-la.

ADCPPII: Porque, na verdade, o que a gente sabe, eles [os professores] dizem que as instalações, tanto as de Realengo quanto as de Niterói, ainda hoje têm uma certa precariedade. Por exemplo, a questão do som: o professor numa sala de aula ouve tudo o que o professor da sala de aula ao lado fala. Tem uma questão de acústica ruim.

DG: Isso não é novidade. O CIEP também.

ADCPPII: O CIEP também. O que é uma coisa ruim. Na sala dos professores, por exemplo, mal cabem uma mesa com cadeiras e às vezes, o professor tem de ficar de pé porque não dá vazão para todos eles. Então, o que a gente nota é que as instalações estão ainda precárias porque está começando, a gente entende, mas por que o Pedro II foi compelido a, digamos assim, forçar uma barra para funcionar? Qual é o interesse mesmo do Pedro II nisso?

DG: É o seguinte. Se ele não tivesse esse dinamismo, ele seria ultrapassado. Nós perderíamos o *timing*, o momento exato.

ADCPPII: Agora, na verdade, na Cidade de Deus vai ser Ensino Médio, né?. Como vai ficar esse acordo com o novo governo, do Sérgio Cabral?

DG: Eu não assinei nada com o estado, nada! Por quê? Porque não me deu as condições. Aqui, isso é que eu digo, é uma interrogação. Agora com Niterói a UFF está negociando com o quartel que tem lá, dar o terreno da UFF, o quartel, o Exército entrega a área que é ao lado da Universidade. O Godofredo e o reitor que foi eleito agora

vão se encontrar comigo para nós fazermos. A metade do quartel fica pro Pedro II, que é bem instalado, e a outra metade fica pra UFF - planejamento de pós-graduados e universitários. Nós credenciamos.

Agora, lá em Realengo não se ouve o que o professor diz de um lado pro outro, não, porque é alvenaria. A divisão é alvenaria. Lá em Niterói pode ser, mas lá em Realengo não ouve não.

ADCPPII: É o que os professores dizem.

DG: Agora é claro que a sala de professores com banheiro privativo para os professores e professoras, não é do tamanho daqui, mas está montado dignamente. Mas, eu já estou no prédio da frente, que não era pra ser reformado, eu reformei a fachada. Agora aqui vem outro prédio, nós restauramos de acordo como historicamente foi. Ele tem o formato de U. Aqui, dentro de um mês, está completo com piso novo, com janelas novas, com as escadas, instalando toda a infra-estrutura administrativa e tecnológica de computação na frente. Então alivia essa área, entendeu?

➤ Diversidades de situações no Pedro II, devido às novas Unidades e aos novos cursos

ADCPPII: O senhor falou em homogeneidade do Pedro II. Comparando há quarenta, cinqüenta anos atrás, o Pedro II hoje seria mais homogêneo. Isso é verdade não levando em consideração as novas Unidades, porque a gente ainda não pode dizer, acho que o senhor sabe bem, que Realengo e Niterói são como os CPIIs daqui.

DG: Você já viu as estatísticas, as provas, da média de aproveitamento?

ADCPPII: Eu estou me referindo, novamente, em relação ao que os professores dizem. Os programas que a gente aplica não são a mesma coisa. Não estou dizendo que isso é ruim. É o que tem que ser. Aqui é assim porque o nosso aluno vem desde o CA, mas lá é só o Ensino Médio.

O senhor lembra? No 1º ano de Realengo, nós recebemos, lá no Conselho Pedagógico, um comunicado que, lá em meados de agosto/setembro, os professores tiveram que dar uma parada em todas as disciplinas porque verificaram que não estava sendo possível andar com o programa porque os alunos tinham muitas lacunas de conhecimento.